



DOI:10.12957/transversos.2019.41883

ENTREVISTA AO ESCRITOR BOAVENTURA CARDOSO

Carmen Lucia Tindó Secco

Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

carmen.tindo@gmail.com



Carmen Tindó (CT) - Discorra acerca de suas origens, infância e família.

Boaventura Cardoso (BC) - Nasci em Luanda, em 1944. Entretanto, passei parte da infância, adolescência e juventude em Malanje. Sou católico, tendo frequentado o seminário. O meu pai foi, em Malanje, um renomado enfermeiro-dentista, com consultório onde atendia governantes, fazendeiros e comerciantes brancos e seus familiares. Consta dos anais da história da luta de libertação nacional que Sebastião dos Santos Cardoso, meu pai, foi o primeiro preso político em Malanje, logo após a instalação, em 1961, da primeira delegação da PIDE naquela então capital de distrito.

CT- Como foram seus estudos que transcorreram no período colonial? Estudou em Angola e também em outros países?

BC - Estudei em Angola desde o ensino primário ao ensino superior. Em Roma, quando aí fui Embaixador, licenci-me em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade de São Tomaz de Aquino-"Angelicum". Nessa mesma universidade, cheguei a ser doutorando, mas, chamado novamente a dirigir o Ministério da Cultura, em Angola, em 2001, abandonei os estudos para o doutoramento.

CT- O colonialismo em Angola criou obstáculos às culturas dos povos locais. De que forma sua ficção denuncia isso? Fale um pouco de seus livros *Dizanga dia Muenhu* e *O Fogo da Fala*.

BC - Estávamos nos primeiros anos da Independência. A denúncia do colonialismo era o tema predominante em toda a literatura angolana daquela época.

Era a primeira vez que publicava, graças à criação da União dos Escritores Angolanos, em 10 de Dezembro de 1975. Afirmava-me então como escritor.

Em *Dizanga dia Muenhu* e *O Fogo da Fala* retrato sobretudo a vida nos musseques, o contrato, o racismo, a exploração do homem pelo homem. Com efeito, nesses dois livros de contos focalizo várias situações em que o angolano está privado de liberdade de exprimir o seu sonho de independência, para além de ser dominado, explorado e discriminado racialmente.

No fundo, eu exprimia literariamente o que observara durante a juventude, em Malanje, o que conformava o meu imaginário. Tinha visto passar caminhões cheios de contratados vindos

do Sul que iam trabalhar para as fazendas de café no Norte; na igreja, durante a eucaristia, só os brancos podiam comungar, os pretos tinham de esperar pelo fim da missa para receberem a hóstia consagrada; não poucas vezes fui vítima de racismo quando pretendia ir ao cinema ou dar um mergulho na piscina municipal, não obstante o meu pai ser uma figura muito conhecida na sociedade malanjina, como já referi.

Em 1961 e nos anos subsequentes, vi muitos angolanos humildes serem linchados por oferecerem resistência às autoridades coloniais.

A escrita é ainda minimalista, configurada em pequenos quadros que, em cadeia, constituem a trama da narrativa.

CT - As tradições angolanas sempre foram objeto de suas preocupações. Como conseguiu recriá-las em seu livro *A Morte do Velho Kipacaça*?

BC - Primeiro, devo dizer que, desde jovem, sempre estive atento às manifestações culturais de cariz tradicional; gostava de ver danças tradicionais, de escutar relatos sobre cenas ocorridas no meio rural quando da morte de sobas e de como se procedia quando dos casamentos costumeiros, por exemplo.

Quando dirigi o Sector da Cultura, tive a soberana oportunidade de viajar por todo o país e aprofundar o meu conhecimento sobre as tradições angolanas. Para escrever o conto principal que dá o título ao livro, convivi com muita gente da província do Kwanza Sul, de que é, aliás, originária toda a família da minha mulher.

CT - Que autores de Angola e estrangeiros leu e marcaram sua escrita?

BC - A lista é enorme quanto aos estrangeiros. De entre vários, destacaria os seguintes: Gabriel García Marquez, Mário Vargas Llosa, João Guimarães Rosa, James Joyce, William Faulkner, Marcel Proust, Herman Melville e Júlio Cortázar. Dos nacionais, apenas um: o mestre Luandino Vieira.

CT - O realismo mágico latino-americano influenciou sua ficção? De que forma?

BC - Sim, ajudou-me sobretudo a refletir sobre essa questão. Acho que em Angola em particular, em África em geral, o realismo mágico, para os escritores, é mais do que um mero recurso estilístico. A questão coloca-se noutros termos.

Mercê de uma visão panteísta e sob influência de religiões ditas tradicionais, em África o sobrenatural faz parte do quotidiano das populações. A narrativa tradicional angolana abunda em histórias de encantamento que se destacam pelos elementos sobrenaturais e mágico-religiosos. Por essa via se depreende facilmente que o sobrenatural nunca é um intruso, é, antes, parte do quotidiano das populações das diversas comunidades. Quando, no meio rural, surgem pássaros aziagos, estes mais não são do que verdadeiros mensageiros de desgraças que estão para acontecer; uma morte, mesmo que natural, tem sempre uma causa sobrenatural.

A narrativa contemporânea não escapa a essa presença do realismo mágico. É muito conhecida em Angola a história do jacaré que, no tempo colonial, foi à Administração pagar imposto. Hoje, passados quatro décadas desde essa inusitada ocorrência, essa história que impregna o imaginário popular é reconstituída por músicos e escritores como sendo a do Jacaré Bangão (bangão significa vaidoso).

Curiosamente, em janeiro deste ano, na província do Kwando Kubango, ocorreu um caso extraordinário: um jacaré saiu do rio e percorreu cerca de quinhentos metros até próximo de uma agência bancária, supostamente para levantar dinheiro!

Devolvido ao seu habitat natural, as autoridades tradicionais não concordaram que o réptil tivesse sido levado de volta para o rio, pois, no seu entender, deveria ser primeiro bem analisado, uma vez que o mesmo poderia estar a representar um antepassado. Caso para dizer que o nosso realismo mágico assenta muito na magia exterior, nos mitos e nas lendas, numa realidade dominada por forças e entes sobrenaturais.

CT- Que relação teve com Agostinho Neto e o MPLA?

BC - Com Agostinho Neto, nenhuma. Estive próximo dele em apenas duas ocasiões: aquando de uma atividade cultural da Biblioteca Popular Nzinga Mbandi, de que era membro da sua direção e por ocasião da realização, em Luanda, da Sexta Conferência Internacional dos Escritores Afro-Asiáticos, em 1979.

Já em relação ao MPLA, sou militante desde 1966, quando ainda estudante. Durante a época colonial, participei numa célula clandestina que apoiava os guerrilheiros nacionalistas. Atualmente, sou Deputado à Assembleia Nacional pela Bancada Parlamentar do MPLA.

CT- Ocupou muitos cargos oficiais e sempre direcionou suas ações em prol da cultura angolana. Conte-nos um pouco do que realizou nessa área.

BC - Dirigi o Sector da Cultura duas vezes; primeiro como Secretário de Estado, de 1981 a 1990, depois como Ministro, de 2001 a 2008. Foram quinze anos! Penso ter feito muita coisa boa e algumas menos boas.

De qualquer modo, vale para registro, que, nos anos oitenta, não obstante a situação de guerra quase generalizada em todo o país, foi possível, sob minha direção, realizar um amplo movimento cultural que mobilizou artistas de todos os quadrantes.

Para além disso, houve debates profícuos sobre a questão cultural que culminaram com a realização de três grandes simpósios sobre a cultura angolana e um memorável festival de todas as artes em 1989.

Foi ainda durante o meu consulado na Cultura que se lançou o projeto de redação da história da literatura angolana que, infelizmente, depois viria a ser interrompido.

CT- Sua ficção tem grandes relações com a história de Angola. Discorra um pouco sobre seus romances *O Signo do Fogo*, *Maio*, *Mês de Maria*, *Mãe Materno Mar* e *Noites de Vigília*.

BC - Não escrevo romances históricos; aliás, não me interessa o relato o mais real possível dos fatos. Escrevo, antes, romances inspirados em fatos e situações históricas. Às vezes, questiono a própria história ou tento mesmo corrigi-la ou enriquecê-la com novos dados. Por exemplo, em *Noites de Vigília*, desconstruo a narrativa oficial sobre os opositores ao regime; os personagens Quinito e Saiundo, apesar de um ser do MPLA e outro da UNITA, são amigos de longa data e dialogam sobre os erros do passado, ou seja, sobre as posições que os políticos assumiram antes do alcance da paz e o consequente fim da guerra em 2002.

Já em *Maio, mês de Maria*, há um tratamento alegórico do que historicamente ocorreu com a tentativa de golpe de estado em 27 de maio de 1977.

Em *O Signo do Fogo* é a luta clandestina, em Luanda, em prol da independência e as suas contradições internas, que focalizo.

CT- Qual seu próximo livro? Já está escrevendo?

BC- *Margens e Travessias* é o título do meu próximo romance. Iniciado há já cinco anos, dá-lo-ei por concluído no final deste ano.

CT- Sua linguagem é literariamente muito elaborada. Trabalha a língua portuguesa em tensão com o kimbundo. Suas estratégias dos usos linguísticos são diferentes das empregadas por Luandino Vieira? Quais as diferenças? Luandino o influenciou?

BC - A língua portuguesa em Angola coexiste com as línguas nacionais. A tensão que existe envolve a língua portuguesa e todas as línguas maternas faladas em Angola. Nesse contexto, todas as línguas influenciam-se reciprocamente. Hoje podemos dizer que, decorrente sobretudo de uma situação de bilinguismo e plurilinguismo, há em Angola em formação uma ou mais variantes da língua portuguesa. Em síntese, direi que o português falado em Angola encontra-se em permanente transformação, quer no plano vocabular, semântico, quer no morfossintático.

O contacto com as línguas nacionais e as interferências linguísticas resultantes do mesmo, a criação de neologismos e de expressões, produto da criatividade popular, imprimem à língua portuguesa um outra dinâmica. É a partir desse contexto que parto para a recriação linguística.

De qualquer modo, foi graças ao Luandino Vieira que despertei para a questão linguística em Angola, por um lado, e, por outro, para a possibilidade de recriação linguística a partir do português falado em Angola. Até hoje continuo a admirá-lo como escritor.

Primeiro, devo dizer que, durante a época colonial, quando desponta o escritor Luandino Vieira, subverter os códigos do português-padrão era então um verdadeiro ato de insubordinação que visava reafirmar a especificidade e particularidade da identidade cultural dos angolanos (a Sociedade Portuguesa de Escritores que, em 1965, atribuíra o Grande Prêmio de Novelística a *Luuanda*, de José Luandino Vieira, quando o mesmo se encontrava preso em Tarrafal (Cabo Verde), por atividades ditas subversivas, viria a ser encerrada pela PIDE).

Segundo, eu surjo já em pleno período de independência. Com novas e outras inventivas, intento dar continuidade ao modelo de língua literária adotada por Luandino Vieira (guardadas, é claro, as devidas distâncias). É uma questão de soberania (e também uma questão estética), na medida em que, com a Independência Nacional, havíamos conquistado igualmente a língua portuguesa.

Entre a minha escrita e a do Luandino, se há algumas diferenças, estas são mais de ordem formal. Emprego cada vez menos vocábulos ou frases em kimbundu. O que mais me prende a atenção é a construção frásica que se sedimentou por via dos falares populares.

O Luandino, embora não seja, creio, falante do kimbundu, domina a sua gramática. O meu conhecimento do kimbundu é rudimentar.

De passagem, abro aqui um parêntesis para dizer que os meus pais, conquanto falassem corretamente o kimbundu, nunca o usavam quando se dirigiam aos filhos.

CT- Gostaria de que falasse um pouco sobre os processos narracionais que caracterizam sua ficção.

BC- Elejo como alicerces da minha narrativa ficcional a oralidade dos falares populares da região etno-linguística kimbundu, bem como a oratura dos povos habitantes dessa mesma região, impregnados de elementos do fantástico, do maravilhoso e de religiosidades que, em meu entender, estão implícitos e subjacentes a uma certa cosmovisão e ontologia africanas.

O meu discurso é, pois, marcadamente oralizante. Assim, por exemplo, uso intencionalmente expressões fáticas para me aproximar mais da linguagem coloquial. Uma das marcas do português falado em Angola tem a ver com o uso de processos pessoais de contar, como é, por exemplo, a mímica, a entoação e o recurso constante às interjeições. Acho que isso é uma questão cultural que reside na apetência natural para a teatralização.

Nos meus últimos romances, particularmente em *Noites de Vigília*, enuncio uma escrita "desalinhada", ditada pelo "fluxo da consciência". É uma estratégia narrativa, na senda do processo de escrita do Luandino Vieira, em *Nós, os do Makulusso*, e de William Faulkner, em *O Som e a Fúria*, que estará muito mais em evidência no meu próximo romance (*Margens e Travessias*).

CT- A Academia Angolana de Letras- AAL, recentemente criada, foi um sonho seu que perseguiu e conseguiu realizá-lo. Acompanhei, em parte, sua grande luta para concretizá-lo. Fale da AAL e dos projetos que ela oferece.

BC - A Academia Angolana de Letras (AAL) tem como objetivos, de entre outros, os seguintes :

- a) Promover e divulgar o estudo da literatura e das letras e artes angolanas;

- b) Promover o estudo da língua portuguesa e das línguas nacionais;
- c) Promover o estudo das obras de escritores e investigadores angolanos nas universidades, bem como nos centros de estudos especializados;
- d) Promover conferências nacionais e internacionais sobre a literatura, livros, línguas, patrimônio cultural, conhecimento tradicional e demais assuntos de interesse cultural.

Proclamada em 15 de setembro de 2016, a Academia Angolana de Letras (AAL) congrega não só escritores como cientistas sociais, nomeadamente sociólogos, antropólogos, historiadores, linguistas e filósofos, para além de admitir colaboradores estrangeiros com a categoria de correspondentes.

A AAL pretende, assim, afirmar-se como um espaço de diálogo interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, de criatividade literária e cultural, de (re)produção e divulgação de saberes endógenos, de comunicação cultural intergeracional e de renovação, projeção e cristalização da angolanidade.

Do seu Plano de Ação para este ano constam várias atividades e projetos, nomeadamente os seguintes:

- a) Projeto de Redação da História da Literatura Angolana (a implementar durante cinco anos);
- b) Mesa-redonda sobre os Cânones da Literatura Angolana e dos Estudos Sociais Angolanos;
- c) Encontro " Línguas Nacionais, Toponímia e Identidade Nacional".

CT- Como vê a literatura angolana hoje? Que tendências recorrentes aponta?

BC- Mercê de uma evolução histórica e política, hoje temos uma literatura mais diversificada em termos formais e temáticos.

Há uma nova geração de escritores que desponta, para além de movimentos literários que, congregando jovens escritores, têm imprimido uma dinâmica revitalizadora ao panorama da literatura angolana.

De qualquer modo, acho que na poesia está-se melhor do que na prosa. No que toca em particular ao romance - segmento a que devoto mais atenção - tem havido poucas novidades. Tirando os escritores consagrados como Pepetela, Manuel Rui e Arnaldo Santos, não vejo no conjunto grandes referências.

Talvez a ausência de uma crítica literária esteja na origem desse afrouxamento na produção romancista. Aliás, a ausência de crítica literária gera, no seio dos escritores mais jovens, um sentimento de autocomprazimento que acaba por empobrecer a criatividade literária.

Não sei se podem identificar-se tendências no panorama atual da literatura em geral, do romance em particular. De qualquer modo, o atual ciclo político caracterizado por maior liberdade de pensamento e de expressão, inaugurado em setembro de 2017 com a eleição do Presidente João Lourenço, poderá gerar não, talvez, uma nova geração de escritores, mas, seguramente, uma nova abordagem literária da sociedade e seus fenômenos.

Luanda, 24 de janeiro de 2019.

Carmen Lucia Tindó Secco: Professora Titular de Literaturas Africanas UFRJ, Pesquisador 1C do CNPq, Cientista do nosso Estado da FAPERJ.

Como citar este artigo:

Secco, Carmen Lucia Tindó; Entrevista ao escritor Boaventura Cardoso. In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: REFLEXÕES SOBRE E DE ANGOLA - INSCREVENDO SABERES E PENSAMENTOS". N° 15, Abril, 2019, pp. 540 -548 Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.41883.